

Formação de Professores e Práticas de Escrita

Valdete Côco
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Brasil
valdetecoco@hotmail.com

Resumo

No encontro entre os campos da educação, da linguagem e da matemática, a comunicação aborda a formação docente focalizando os processos de escrita desenvolvidos pelos professores, a partir da tese “A dimensão formadora das práticas de escrita de professores”. Ancorado nos princípios teórico-metodológicos de Bakhtin e de Certeau, o estudo qualitativo de perspectiva etnográfica, teve como pressupostos a linguagem em sua dimensão social, as relações entre a escrita, os valores e as solicitações sociais e a formação como um processo contínuo. Observando o confronto entre as demandas de escrita e os processos responsivos dos professores de matemática, atuantes de 5ª a 8ª série do ensino fundamental vinculados ao Sistema Municipal de Ensino de Vitória – ES, os resultados apontam que a dinâmica de atuação docente integra o jogo tenso da luta pelos bens produzidos pela humanidade.

Palavras-chave

Educação, Formação continuada, Matemática, Linguagem, Práticas de escrita, Trabalho docente

Texto Completo

Introdução

No diálogo entre os campos da educação, especialmente no âmbito da formação continuada de professores, da linguagem e da matemática, a comunicação explora a vibração da temática das práticas de escrita de professores inserida na dinâmica do desenvolvimento escriturístico, sustentada em dados da tese “A dimensão formadora das práticas de escrita de professores” (CÔCO, 2006). O encontro desses campos permite destacar que o trabalho docente vem agregando complexidade, uma vez que as reformas educacionais agenciam mudanças na oferta de escolarização e nos processos de atuação dos profissionais, em meio a desafios relacionados às condições de formação, de trabalho, de reconhecimento profissional e de interação com a comunidade (NÓVOA, 1998; BARROSO, 2004). Esse cenário tem requerido dos profissionais novos processos de visibilidade da atuação e do trabalho, emergindo a demanda de que os professores descrevam e justifiquem sua ação, numa dialogia interativa com os pares da área de atuação, com os colegas de outras áreas, com os educandos, com o conjunto da comunidade educativa e também com o contexto social de valorização e reconhecimento de determinadas práticas de atuação, de registro e de produção textual. Nos processos formativos emerge a necessidade de que se avance do paradigma do “aprender a ensinar” na direção “da indagação sobre os processos pelos quais os professores geram conhecimentos, além de sobre quais tipos de conhecimentos adquirem”, numa lógica de captar o pensamento e os dilemas da atividade docente

como suporte à formação (MARCELO, 1998). Fortalece a linguagem no contexto do trabalho, os registros escritos, em suas diferentes modalidades (registro biográfico de experiências pessoais dos professores como estudantes, registro de experiências em cursos de formação, diários de acontecimentos significativos, planejamentos de trabalhos, registros de ações desenvolvidas etc.) constituem uma das estratégias formativas vinculadas à auto-análise, à comparação, à implementação de pesquisas e ao engajamento social. Vamos compoendo um cenário de trabalho e de formação em que o processo de elaboração de textos se apresenta como facilitador do processo de desenvolvimento profissional, associado ao aumento da autoconfiança (porque o sujeito se vê como produtor de conhecimento legitimado), a mobilização da reflexão, ao diálogo com o outro através do impresso, a possibilidade de inserir em meios de produção e divulgação de sínteses de trabalhos, etc. (BULLOUGH, 1993; ZABALZA, 1994).

Na diversidade de perspectivas compostas na interação com a demanda de práticas de registro, temos diferentes modos de compreender e de implementar os processos de formação. É importante destacar, em face do propósito deste estudo, que ocorre um reencontro decisivo da formação de professores com as atividades de linguagem, em especial com as práticas de escrita. As atividades de linguagem se configuram não só como atividades de ensino, mas também como atividade formadora em interface com o engajamento social (PRADO e SOLIGO, 2005). Cabe ressaltar a implementação de experiências de pesquisas ligadas à leitura e à escrita na atuação de professores em determinadas áreas do conhecimento, tais como Matemática (FIORENTINI e MIORIM, 2001), Ciências (BELLINI, 1997) e Educação Física (NASCIMENTO e KREBS, 1997). Vemos se materializar no campo da formação de professores um discurso da importância da escrita que, em muitos momentos, se constitui em processos de avaliação dos professores. Focalizamos aqui esse encontro no cenário da área de matemática, ou melhor, do trabalho docente de professores de matemática atuantes de 5ª a 8ª série do ensino fundamental vinculados ao Sistema Municipal de Ensino de Vitória – ES, compreendendo que, numa abordagem contextual da linguagem, o discurso da importância da escrita do professor não pode ser dissociado do contexto de sua produção, uma vez que envolve também as interdições derivadas das condições do espaço educacional. Essa perspectiva demanda dialogar com os processos de avaliação dos professores observando as diferenças de desempenho bem como as questões a elas pertinentes como elementos integrantes do contexto social, no caso atual, de um contexto de instauração de desigualdades (CASTEL, 1997). Assim, focalizamos as práticas de escrita dos professores de matemática inseridas no debate sobre a escrita de professores, alimentadas pelas transformações do contexto grafocêntrico (RAMA, 1985) e da clivagem valorativa em relação aos gêneros textuais, que tem dado destaque para os gêneros acadêmico-científicos na esfera do trabalho docente. De forma sintética, os professores estão enfrentando novas demandas de escrita num processo responsivo ativo que, ultrapassando as exigências do trabalho na escola, se remetem aos processos de reconhecimento e inserção profissional. Com vistas a recortar os resultados referentes a área de matemática, apresentamos sinteticamente o conjunto da pesquisa “A dimensão formadora das práticas de escrita de professores”, para, em seguida, focalizarmos as práticas de escrita dos professores de matemática.

1 O conjunto da pesquisa sobre as práticas de escrita de professores

A pesquisa “A dimensão formadora das práticas de escrita de professores” iniciou com o problema de como os professores utilizam a escrita em seu contexto profissional, avançando para o entrelaçamento das práticas de escrita com as diferentes dimensões da vida dos professores,

considerando as interfaces entre as diferentes demandas, os processos de execução e os sentidos estabelecidos para as ações. Nessa perspectiva, as questões de investigação integraram a trajetória com a escrita, as demandas do trabalho na escola, a participação em projetos de formação continuada, a presença da escrita na vida pessoal e o delineamento dos projetos e perspectivas dos professores. Já no primeiro contato com os sujeitos, a área de matemática deu visibilidade a uma das facetas da dimensão contextual em que as práticas de escrita se apresentavam:

_ Você tem um problemão de pesquisa. Aqui é uma dificuldade para fazer esse povo escrever (PM2).
(DC – R3)

Se esta evocação ratificou a pertinência da pesquisa (tranquilizando a pesquisadora), também evidenciou a complexidade da investigação, que não se descola das diferentes dimensões da escrita no mundo social. A evocação permite indicar que os professores demonstram que nas exigências de escrita na sociedade escriturística atual, eles tornam-se parte ativa de um processo em que são chamados a inserir-se a partir das transformações nas demandas institucionais. O reconhecimento *da dificuldade de fazer o povo escrever* indica a interação com essa demanda e uma movimentação em torno dela que permite inferir investimentos, resistências, avanços, recuos, etc., de modo que o processo de compreensão da mensagem de importância da escrita não pode ser entendido como um processo passivo de apropriação incondicional. Tomando esses entrelaçamentos, a pesquisa qualitativa de perspectiva etnográfica efetivou-se com professores atuantes nas séries finais do ensino fundamental (5^a a 8^a) que participaram da formação continuada (FC) no Município de Vitória – ES – em 2003. A prática da pesquisa foi articulada com a prática da formação (com seu calendário e atividades próprias), de modo que a pesquisadora pudesse inserir-se na FC. No bojo da observação das práticas de escrita considerando as demandas e os desafios, bem como os investimentos e os sentidos estabelecidos, é importante considerar que o próprio evento da FC se institui como uma instância circuladora de vozes/discursos sobre diferentes temáticas (dentre elas a escrita), com a presença de regras controladoras do dizer, nem sempre acatadas e legitimadas. Evidenciamos movimentos discursivos que destacam, acatam, tensionam ou negam determinados discursos afetando a construção de novos sentidos com os quais se constitui a compreensão dos sujeitos.

Os encontros de FC consistiram em encontros coletivos por área de conhecimento (Matemática/M, Português/P, História/H, Geografia/G, Ciências/C, Inglês/I, Artes/A e Educação Física/EF), reservados no horário semanal do professor, a cada quinze dias, tendo um ou dois coordenadores(C) como dinamizadores e organizadores do espaço. Esses coordenadores (também professores) estavam vinculados a uma coordenação geral (CG). A inserção na FC permitiu, além das observações apurando 44 registros (R) no diário de campo (DC), o avanço da pesquisa, favorecendo a aplicação do questionário (Q) a 327 professores (P), a realização de 09 entrevistas (E), o acesso a documentos e a interação com os professores em diferenciadas atividades tais como conversas, leituras, discussões, estudos, oficinas, trabalhos de grupo, produção de textos, apresentações, palestras, dinâmicas, lanches, comemorações e visitas a escolas. Considerando a colaboração e o envolvimento dos professores na pesquisa, a temática das práticas de escrita se mostrou como uma das urgências da categoria, concretizando um encontro entre um propósito de investigação e uma temática que mobilizava os profissionais. Como já destacado, para este estudo focalizamos os resultados referentes aos professores de matemática (em diálogo com as outras áreas) tendo como material da área 07 registros de DC (R3, R7, R12, R16, R26, R27 e R36), 02 entrevistas (E2 com os sujeitos A e B e E9) e 48 respondentes do questionário, além de materiais recolhidos nos encontros de FC. O destaque para área de matemática, além de atender a

especificidade do XIII Congresso Interamericano de Educação Matemática, foi mobilizado em função de se configurar, na pesquisa, como a área que primeiro dá uma visibilidade intensa a *dificuldades* com a escrita. O movimento coletivo dos professores parece indicar que a matemática, com sua linguagem, dialoga por formas próprias com os processos de avaliação e reconhecimento profissional relativos às práticas de escrita que se apresentam aos professores.

Focalizamos as práticas de escrita dos professores de matemática observando as tensões negociativas que constituem os sentidos, as ações e as articulações nos processos interativos contínuos da vida social, a partir das contribuições de Bakhtin (2005, 2002, 1998, 1997, 1996, 1993 e 1992) e de Certeau (1995 e 1994) - sistematizadas a partir das categorias de atuação, interação e criação. A ancoragem no social, proposta por esses autores, oferece subsídios que, compreendendo o homem como produtor de textos numa cadeia dialógica, permitem considerar a potencialidade dos sujeitos resgatando a dimensão das condições de produção de modo a ultrapassar o processo de culpabilização dos professores para compreendê-los na dinâmica complexa e conflituosa que integra a vida pessoal e profissional. Na articulação do pensamento dos autores, propomos explorar as práticas de escrita a partir da observação dos professores de matemática como sujeitos ativos, criativos e inventivos, fíncados em seus contextos como um campo de possibilidades construído continuamente em processo de interação. Pode-se destacar o reconhecimento de que a sociedade engendra os sujeitos num processo em que, ao mesmo tempo, os sujeitos atuam, inventam, produzem significações, de modo que se destaca a possibilidade de o homem se constituir e de reinventar a si e à sociedade continuamente. A relação do homem com o mundo se efetiva através dos intercâmbios comunicativos, em diferentes instâncias, o jogo social é posto na rede interativa da vida cotidiana. Nessa perspectiva os professores de matemática não só apontam suas dificuldades com a escrita, mas indicam os processos interativos que estabelecem com a escrita, imersos num contexto grafocêntrico que requer e valoriza determinadas práticas. Uma interação com apropriações, acatamentos, resistências, conflitos... Uma interação interessada com enunciações recebidas e enviadas em diferentes direções e com possibilidades comunicativas diversas. Assim, é importante considerar a origem e a direção das práticas de modo a valorizar o social sem advogar seu determinismo, uma vez que “quanto mais o homem compreende que é determinado (reificado), mais perto está de compreender também, e de realizar, a sua verdadeira liberdade” (BAKHTIN, 1992, p. 379).

Sob a lógica de uma visão globalizante dos atos humanos, assinalamos todo um complexo de valores impregnados nas discussões. Os professores convivem com a escrita no dia-a-dia em suas diferentes possibilidades, aproveitando seu aspecto facilitador e enfrentando também situações de desconforto, dificuldade e estranhamento no jogo interativo da vida social. Com isso, experimentam, narram e analisam as práticas de escrita dialogando com as relações históricas do desenvolvimento da escrita e dos seus produtores, situadas no complexo processo de partilha (desigual) do bem cultural que a escrita representa (GOULART, 2003). Nesse sentido, observando o cenário de sofisticação das práticas de leitura e de escrita, de reconhecimento de transformações na atuação docente, com destaque para novas dinâmicas da FC associada ao desenvolvimento profissional (REGO e MELLO, 2002), bem como do entrelaçamento das diferentes dimensões da vida, consideramos as aprendizagens decorrentes das solicitações a que são chamados a responder e os endereçamentos apontados nas respostas dos professores. Associando as demandas relacionadas à escrita às possibilidades formadoras, a formação é tomada como “reapropriação da experiência e articulação com novas situações” (BOLÍVAR, 2002, p. 102), numa perspectiva de formação como um direito articulado a uma política cultural (KRAMER, 1993).

Com esses pressupostos, exploramos as práticas de escrita dos professores de matemática considerando o confronto entre o assujeitamento e a inventividade e a integração das diferentes dimensões da vida. Com isso, a análise da relação com a escrita foi inserida nas complexas relações dos professores com o mundo em que vivem e onde geram conhecimentos, afetividades, modos de ser e de pensar que vão impregnando suas identidades num processo ativo de intercâmbios comunicativos, delineando a configuração de uma área de conhecimento. Os caminhos em direção as práticas de escrita se dinamizam em interface com a configuração do campo de trabalho, mobilizados pelas trocas entre sujeitos e sustidos no cenário social, com suas políticas de investimento e formas de valoração. Consideramos principalmente o movimento coletivo da área de atuação, sem desconsiderar a complexidade dos percursos individuais com as práticas de escrita em que cada professor constrói sua trajetória de um modo particular, vivendo experiências abarcadoras de diferentes universos. Destacamos a aproximação ao humano, com seus dilemas, conflitos e desejos que dialogam com os sentidos da escrita, sua materialidade, as condições de produção e as interações estabelecidas.

2 Os professores de matemática e as práticas de escrita

No percurso de aproximação das atividades envolvidas no processo de letramento, a escolarização tem papel decisivo para o estabelecimento de sentidos para as práticas ligadas à escrita. É possível captar, na diversidade de práticas envolvendo gêneros do discurso, suportes, instrumentos e sentidos, a integração dos professores de matemática (assim como das outras áreas de conhecimento) em determinadas comunidades textuais associadas aos requisitos escolares. De maneira geral, observou-se o reconhecimento do sucesso na escolarização, um sucesso associado a uma área que mobiliza percalços a serem superados, em meio à explicitação do processo de escrita desenvolvido como um elemento limitado em face das expectativas atuais.

E9 – [...] Eu acho que no período de escola eu não tinha dificuldade. Eu sempre tirei notas boas em redação. Depois que você vai, como vou dizer... (pausa) para uma coisa melhor, mais elaborada é que fica confuso. [...] Acho que a minha escolaridade foi muito boa [...]. Não sei onde ficou a dificuldade...

Na heterogeneidade das práticas vividas, a escolarização dos professores se mostra determinante na constituição dos sentidos para as atividades de leitura e de escrita, bem como para a formação docente. Com isso, amparadas na lógica do modelo escolar, as ações de formação vinculadas institucionalmente, que delimitam tempo e espaço para os estudos e que implicam titulação (cursos de curta duração, especialização, mestrado e doutorado), se mostram como um campo privilegiado de mobilização para a escrita. O cumprimento das *obrigações* (geralmente avaliativas) dessas formações, vinculadas à perspectiva de progressão na carreira, dá sentido à mobilização para o enfrentamento das atividades de escrita. Assim a força do processo de escolarização se mostra num processo reiterativo, mesmo sendo analisada como um movimento mais próximo da leitura como mecanismo de acesso às informações.

E9 - Eu tenho mais dificuldade na escrita, quando vou passar para o papel. Falar, ler é mais fácil do que escrever. Então acabo preferindo ler a escrever [...].

A escrita se constitui como uma atividade conflituosa quando exige do sujeito sua exposição enquanto autor do seu discurso. Nesse sentido, os professores encontram-se impedidos de lançar mão da escrita para fazer frente à desqualificação a que são submetidos. Na aproximação as demandas de escrita, emergem na FC distintos processos interativos em função das práticas de escrita requisitadas nesse espaço.

[...] o CM2 complementa:

_ E o pessoal do registro de hoje? (CM2)

Pausa, após algum tempo continua o silêncio [...]. Uma professora comenta:

_ Quem tem dificuldade para escrever como eu, sugiro que pegue logo, que pegue primeiro, para se livrar do estresse de vir para o encontro pensando que terá que escrever. (PM1)

O professor retoma e sugere:

_ Vamos ver quem ainda não escreveu. (PM 3)

A sugestão cria um burburinho no grupo derivado de destaques tais como: eu já fiz, fiz no dia tal, fiz naquele dia em que fulano se recusou, fiz quando fulana estava perto de mim, etc., emitidos pelos professores que já haviam efetuado registros dos encontros. Esses destaques, em confronto com o silêncio dos professores que ainda não haviam realizado a tarefa, denunciavam o não cumprimento da tarefa proposta. Com isso, a CM1 continua:

_ Quem pode pegar hoje? (CM2)

O silêncio persiste, alguns professores da primeira fila focam o olhar para uma das professoras (PM10) sugerindo, explícita e jocosamente, que a CM1 entregue o caderno para a ela. A coordenadora insere-se na comunicação:

_ Você já fez PM10? (CM1)

Ela, se mostrando desconfortável e titubeante, afirma bem baixinho:

_ Podemos tentar. (PM10)

[...] O grupo retoma o burburinho com frases de apoio à colega [...]. Uma professora, ao lado afirma:

_ Pega, eu te ajudo. É só rascunho. A CM1 faz a digitação e acerta as coisas. (PM1)

Definido o responsável pelo registro, prossegue-se com os informes [...]. (DC-R16)

Essa teia relacional, que comporta o fazer logo, o buscar não fazer, o dizer-se pelo já feito, o apontar o outro, o aceitar o desafio, o ajudar e muitas outras táticas interativas ligadas às demandas de escrita presentes nesse espaço, está vinculada tanto ao domínio do repertório textual solicitado quanto aos fins e objetivos agregados a esse repertório. Assim, ao saber fazer, ao não saber fazer, ao aprender a fazer se agregam o por que fazer e a quem se dirige esse fazer escritural, dialogando com os outros repertórios e demandas da atividade docente. O repertório textual da atividade docente, constituído principalmente por pautas (diários de classe), planos, relatórios, fichas, avaliações e, mais recentemente, pela elaboração de projetos, é referenciado como um repertório de repetição que *provoca* diferenciadas atuações que, ao mesmo tempo, podem executar ou burlar as normas estabelecidas.

E2A - A menos que o professor faça algum projeto, é (pausa)... provas, planejamentos de aula...

E2B - Quando surgiu essa idéia de projeto, foi projeto, [...], mas agora nem essa parte tem mais. Até essa parte de fazer prova, pela questão das copiadoras, até essa parte o professor está fazendo menos. Ele está copiando mais e escrevendo menos atividades. [...] Tem coisas que você faz mecanicamente. Esse negócio de pegar questões do livro xerocou, recortou, colou, você vai fazendo isso. Enquanto alguém não chama a sua atenção, você continua fazendo.

Os resultados da pesquisa indicam que as táticas de atuação dos professores em face das demandas de escrita no trabalho são constituídas não só pela burla, pelo atraso, pela solicitação de mais tempo, pela resistência a determinadas obrigações, mas também pela dedicação e envolvimento, demonstrando a complexidade da relação com a escrita nesse contexto.

E9 - Deixo sempre para a última hora. Faço sempre primeiro as coisas que ficaram acumuladas, as coisas de casa ou do trabalho, e deixo sempre para escrever por último [...]. Normalmente, já estou cansada das outras coisas que fiz.

Estamos mais próximos de um cumprimento *ao seu modo*, do que um descumprimento. Por exemplo, mesmo não apresentando uma listagem com informações do desenvolvimento de cada aluno ou turma foi possível acessar de um dos professores participantes da pesquisa uma listagem com códigos (sinal de menos, estrelinhas, riscos abaixo ou acima, etc.) que permite sistematizar diferentes informações vinculadas à solicitação. Cabe destacar que se trata de um material que carece de complementação, que carece da presença do profissional para *compor o texto*, mas que se presta ao fim de participar de reunião avaliativa do trabalho. No repertório textual da atividade docente é importante considerar tanto as especificidades dessas obrigações quanto o jogo negociativo e as relações de forças que se estabelecem entre os atores a partir da dinâmica escolar.

O processo de produção textual também se apresenta como condição para inserção nos espaços acadêmicos da área de conhecimento. Como suas práticas de escrita são cotejadas com os valores circulantes na sociedade, os professores sentem que há uma distância entre os seus textos e a produção de textos acadêmico-científicos (vinculados à progressão de estudos e a visibilidade profissional a partir da possibilidade de inserção nos eventos da área com apresentação de trabalhos e admissão em publicações), implicando um sentimento de dificuldade e um desejo de apropriação dos gêneros valorizados socialmente. Com isso, destacamos que a apropriação do discurso de valorização da escrita é tensionada com as possibilidades e ganhos vinculados a esse discurso e em confronto com as condições de execução dessas práticas:

Terminados os informes, CM1 solicita ao responsável pelo “li e recomendo” [espaço da FC para apresentação de leituras a serem recomendadas] que faça uso da palavra. O PM 27 se dirige à frente e faz sua apresentação:

_ Bem, não tive tempo de escrever o que eu vou falar [...]. Também não tive tempo de terminar de ler esse livro [mostra]. Quando falei que ia apresentar pensei que ia dar tempo de terminar, mas não deu. Estou na página 89 de 200 [ele lê os títulos dos capítulos no sumário e comenta os quatro capítulos iniciais enfatizando o uso de textos no ensino de matemática]. (PM27)

Reforçando a exposição do professor, CM1 exemplifica:

_ No estudo sobre polígonos, uma aluna escreveu uma história sobre a família poligonal [...]. (CM1)

Após a intervenção de CM1, PM27 continua sua apresentação:

_ Texto na sala de aula de matemática, só em movimento de greve que a gente traz os informativos, mas outros tipos de textos não vejo. Li até o capítulo quatro. Minha prática de leitura é pequena [...]. Isso é o que eu posso dizer até aqui. Ainda falta ler os últimos quatro capítulos. Quando eu terminar, eu volto [palmas]. Eu disse que falar é comigo mesmo! (DC-R27)

A atenção à interação recíproca entre pessoas e seus ambientes aponta para a compreensão de que os professores, circunscritos a determinadas condições materiais do exercício da docência, vão construindo modos particulares de inserção no mundo da escrita. A reunião dos professores de matemática na FC permitiu configurar a ideia de uma área que *assume dificuldades com a escrita*. Cotejando essa ideia com a valorização da área no cenário educativo, destacamos que seu prestígio não é *arranhado* por assumir essa dificuldade, ele está pautado no domínio da *sua* linguagem, a linguagem matemática. No diálogo entre áreas, os professores de matemática se referem ao domínio da *sua* linguagem e a dificuldades com a escrita, levando a uma referência aos professores de Português como aqueles que dominariam a escrita, em suas diferentes esferas textuais. Estes, por sua vez, mesmo não sendo tão explícitos na evocação das dificuldades, não corroboram essa referência. Nesse movimento, se é verdade que temos uma *dificuldade de fazer o povo escrever*, é verdade também que temos um processo de busca, investimentos e transformações que vão indicando as formas de pertencimento da área no cenário das práticas de escrita.

E2B – [...] O objetivo nosso é criar um espaço onde eles possam refletir sobre a relação com a escrita.

E2A – Não é só com a escrita, nós temos enfatizado a questão da leitura, do estudo.

E2B – Se você observar o grupo de matemática há uns anos atrás, falar de um livro lido, só um ou dois fariam isso de um grupo de trinta. Hoje não, nesse momento “recomendo” do início do grupo praticamente em todo encontro tem apresentação, não é o mesmo material. Essa evolução já existe.

E2A – É, o grupo já avançou, ele começou muito bem disposto, as pessoas tem aproveitado muito. [...], eu sei o quanto a gente já cresceu, aproveitou dos encontros.

E2B - Eu vejo isso também no pessoal que fez a prova de seleção ano passado. Eu participei dos dois últimos processos seletivos para o contrato [são anuais]. Teve professor que participou do primeiro, pelo amor de deus, a aula dele era terrível. No ano passado, conversando com eles depois da prova, muitos diziam: “graças às reuniões eu já melhorei muito”. Era outra pessoa.

E2A – É, deu para observar uma transformação muito grande no grupo.

É possível observar um espaço em aberto e em constante movimento em que a escrita se constitui como um dos elementos do jogo interativo com o outro.

[...] a CM1 prosseguiu sugerindo a confecção de um painel:

_ Nós temos experiências maravilhosas de que só conseguimos falar, mas não registrar. A gente pensou, então, em montar um painel com fotos e atividades em cada encontro nosso. Uma maneira de trocar experiências. Vocês topam? A idéia é trazer e colar no dia. (CM1)

A platéia demonstra aceitação da idéia. Ela continua:

_ Mas vocês vão trazer? Vamos tentar no próximo encontro? (CM1) (DC-R16)

Nesse processo de visibilidade e reconhecimento, na FC foi possível também observar as práticas de escrita (do tipo anotações) como elemento de reconhecimento do outro:

No auditório encontrei o palestrante conversando reservadamente com um professor (PM3). A CM1 e um grupo de professores conversam informalmente enquanto aguardavam a chegada de mais alguns professores para iniciar as atividades. A maioria dos professores estava com materiais para anotações e os professores que iam chegando, logo abriam seu material.

Pareceu-me que a legitimidade da autoridade da fala do palestrante gerava a expectativa da necessidade de fazer anotações estabelecendo uma relação com o outro do discurso pedagógico da área que mobiliza a escrita dos professores. Muitos professores que não faziam anotações nos encontros, e aparentemente sequer levavam materiais, estavam com seus materiais para tal procedimento. Com um total de 12 professores (8 mulheres, todas com material para anotações, e 4 homens, destes 3 com materiais) foram iniciados os trabalhos pela CM1. (DC-R36)

Assim as práticas de escrita tanto se remetem a uma necessidade de ser apropriada, repercutindo em possibilidades de *avanço* profissional, quanto a uma forma de reconhecimento do discurso do outro, sendo mobilizada para *anotações importantes*, geralmente de pessoas que, reconhecidamente, contribuem para a área de conhecimento. Nesse jogo de atuação e interação, o conjunto dos dados relativos aos professores de matemática indica uma multiplicidade de vozes sobre a escrita na luta pelo tom dessa ação. Nessa luta entre o discurso prescritivo de valorização da escrita e as vivências dos professores, seus dramas e seus conflitos com a atividade da escrita emerge uma situação intrincada que, de maneira geral, desqualifica os professores e os coloca numa condição de responsabilização única pelo seu desenvolvimento.

Em relação ao texto científico um professor relatou suas dificuldades afirmando:

_ [...]. Ter que dominar um modelo faz com que além de ter o que dizer, precise se aprender um jeito de dizer, e esse jeito é muito difícil. Inibe a gente. (PM?) (DC-R27)

Se esse discurso prescritivo e avaliativo, geralmente referenciado no repertório acadêmico científico, provoca nos professores uma sensação de déficit, ele também pode ser negado a partir da execução das exigências de escrita presentes cotidiano da atividade docente.

E9 – Eu precisaria de tempo para escrever. Por exemplo: o memorial [para candidatar-se ao mestrado], eu nem comecei a fazer, mas eu vi que teria dificuldade. Em relação ao trabalho aqui [na escola], vamos dizer... (pausa) acho que está de bom tamanho. Agora, para o meu crescimento, acho que teria dificuldades.

Nas contrapalavras, a apropriação da importância da escrita também interessa aos professores, sustentando processos reivindicatórios num jogo polifônico de discursos sobre discursos, entrelaçado aos lugares sociais. Nesse embate entre o *saber* (cumprindo as exigências de escrita do contexto do trabalho) e o *não-saber* (ligado ao desejo de apropriação dos gêneros acadêmicos científicos), a pesquisa indica que o contexto pesquisado se revela como ponto de encontro e de choque das várias visões que constituem os discursos sobre a escrita. A aproximação dos professores a temáticas relacionadas ao estudo, à pesquisa e ao registro implica o desejo de se apropriarem de recursos expressivos na construção textual de gêneros valorizados socialmente. O desejo e a necessidade dos professores revelam a perspectiva de conhecer e interferir no mundo, um conhecimento situado que envolve o desenvolvimento profissional e a progressão na carreira.

Apropriando-se, a seu modo, das recomendações da literatura pedagógica para a formação de professores e dos indicativos para as políticas públicas educacionais, o sistema municipal apresenta a FC como uma das estratégias de investimento nos professores. Nos objetivos explícitos de desenvolvimento da escrita na FC, é importante considerar a FC integrada à dinâmica do exercício da docência, observando que este espaço também tem seus limites e sofre os percalços impostos à categoria, concorrendo com as outras atividades do trabalho e acrescentando novas demandas à categoria.

E2B – [...]. Também tem que ver que o encontro é de quatro horas, é pouco tempo [...].

E2A – A gente tenta conscientizar, estimular.

E2B – Ele fez um encontro, volta quinze dias depois. Ele sai daqui, coitado, no outro dia ele está cheio de provas para corrigir, um monte de coisas para fazer.

E2A – Está correndo para trabalhar, numa roda-viva.

PQ – E com relação ao trabalho com a escrita na formação continuada? Escrever, discutir com o outro, revisar...

E2B – A gente faz uma parte, de produção inicial, essa segunda parte não dá para fazer.

E2A – Eu me lembro do ano passado. Meu Deus, como eu ficava angustiada porque não dava tempo. Você sentava no grupo, conversava, discutia e aí escreve e cada um escrevia de um jeito e não dava tempo. Mas estava provocando.

[...]

E2B – Por isso nós nem podemos cobrar quando a gente pensa em escrever, tem expectativas, estamos querendo, mas não podemos cobrar do professor. E essa segunda parte do texto não ta nesse encontro, teria que criar uma outra forma, um outro grupo, observar quem quer, mas não ali.

E2A – Isso poderia ser um fruto desse grupo de formação continuada.

Nas interfaces dos espaços do trabalho, da FC e da vida pessoal e no encontro com as múltiplas facetas da escrita, os dados indicam sua constituição como constrangimento e categoria meramente individual, mas também como uma possibilidade de inserção no discurso educativo e nos meios de divulgação de idéias, aventando a possibilidade da integração efetiva dos professores no discurso pedagógico em sua dimensão valorizada contextualmente, com implicações no fortalecimento da área de conhecimento. Essa possibilidade de pertença sinaliza um movimento em que os professores buscam a mudança de um lugar, almejando, além do reconhecimento de uma história construída singularmente e de modo legítimo, o prosseguimento

da formação e a inserção em espaços de apropriação das práticas de escrita valorizadas socialmente.

3. Considerações Finais

Refletir sobre a escrita dos professores de matemática, a partir dos dados apresentados, aponta a exigência de conexões entre diferentes espaços e sentidos que constituem a materialidade da atividade docente atravessada pela dinâmica do contexto escriturístico. A multiplicidade de aspectos e as interfaces que constituem as práticas de escrita vinculadas à trajetória da escolarização, as exigências do trabalho, a participação na FC e as demandas da vida pessoal formam, no seu conjunto, uma arena em que embaralham proposições, resistências e determinações, apontando que a atuação dos professores, imersa num mundo de escrita, se constitui num jogo interativo em que as referências e as práticas de escrita não se confinam na escola, na área de conhecimento ou no trabalho docente. Ocorre uma articulação entre as crenças, aptidões, valores, atitudes e disposições típicas de outros ambientes culturais com as demandas escolares. Esse processo de interação promove interfaces entre os diferentes discursos sobre a escrita permitindo observar que os professores reagem frente a um discurso prescritivo da escrita desvelando os conflitos gerados a partir do esforço em sintonizar suas necessidades de escrita com as demandas postas pelas exigências do trabalho, em confronto com as práticas valorizadas socialmente. Na imbricação dos tensionamentos que desqualificam as práticas de escrita dos professores, pautam sensações ligadas a dificuldades com a escrita e, simultaneamente, reconhecem sua desenvoltura no atendimento às demandas de escrita do exercício do trabalho cotidiano, o discurso prescritivo de valorização das atividades de escrita é apropriado numa dialogia analítica das diferentes esferas de circulação textual. A escrita se torna, assim, um lugar de fronteiras múltiplas, dialogando as demandas do trabalho e os projetos pessoais com as forças que movem a sociedade, em interface com a cultura da área de conhecimento, com as exigências do capital, com as políticas sociais (especialmente educacionais) e com os sentidos que são negociados no fazer dos homens. Nas dificuldades de condições que se apresentam no cenário do trabalho docente e da FC e nas táticas de enfrentamento dessas dificuldades, destacamos o desejo dos professores de uma inserção ativa nos espaços que desenvolvem a escrita como suporte para a circulação dos discursos valorizados socialmente, especialmente aqueles ligados ao reconhecimento profissional e à progressão na carreira, numa polifonia vinculada ao diálogo sem fim da existência humana. Nas contrapalavras, enfatizamos a atuação dos professores e da área de conhecimento, trazendo sua especificidade para a cadeia dialógica acerca da escrita na vida dos professores.

Referências

BAKHTIN, M. M. / VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 2002.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

BAKHTIN, M. M. *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993 (tradução para uso didático e acadêmico de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, circulação restrita).

BARROSO, J. Os professores e os novos modos de regulação da escola pública: das mudanças do contexto de trabalho às mudanças da formação. In: BARBOSA, R. L. L. *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 35-48.

BELLINI, L. M. *A construção da escrita no ensino de história das ciências: um exemplo da biologia*. In: BIANCHETTI, L. (org.). *Trama & Texto: leitura crítica, escrita criativa*. São Paulo: Plexus, 1997. p. 119-124.

BOLIVAR, A. (org.) *Profissão professor: o itinerário profissional e construção da escola*. São Paulo: EDUSC, 2002.

BULLOUGH, R. *Case record as personal teaching: texts for study in Preservice Teacher Education*. *Teacher and Teacher Education*, v.9, nº 4, 1993, p. 385-396.

CASTEL, R. As transformações da questão social. In: BÓGUS, L. et al (orgs.). *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: EDUC, 1997.

CERTEAU, M. de. *A cultura no plural*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano I. artes do fazer*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Petrópolis, 1994.

CÔCO, V. A dimensão formadora das práticas de escrita de professores. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro: Tese, 2006. Disponível em <<http://www.btdt.ndc.uff.br>>.

FIORENTINI, D. e MIORIM, M. A. (orgs.). *Por trás da porta a matemática acontece?* Campinas, São Paulo: Editora Graf. FE/Unicamp – Cempem, 2001.

GOULART, C. M. Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento: contribuições para a pesquisa e para a prática pedagógica. In: FREITAS, M. T., JOBIM E SOUZA, S. e KRAMER, S. (orgs.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 95-112.

KRAMER, S. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo. Ática, 1993.

MARCELO, C. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. *Revista Brasileira de Educação*. nº 9, 1998, p. 51-75.

NASCIMENTO, J. V. e KREBS, R. J. *O processo de escrever e a produção do conhecimento em Educação Física*. In: BIANCHETTI, L. (org.). *Trama & Texto: leitura crítica, escrita criativa*. São Paulo: Plexus, 1997. p. 125-138.

NÓVOA, A. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: Educa, 2002.

PRADO, G. do V. T. e SOLIGO, R (orgs.). *Porque escrever é fazer história*. Campinas, São Paulo: Graf. FE, 2005.

RAMA, A. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense: 1985.

REGO, T. C.; MELLO, G. N. *Formação de professores na América Latina e Caribe: a busca por inovação e eficiência*. In: Conferência Regional o desempenho dos professores na América Latina e no Caribe: Novas Perspectivas, Brasília: MEC, 2002. Anais.

ZABALZA, M. A. *Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Portugal: Porto. 1994.